

A presença de Eneida Nelly na poesia crioula: escrita feminina nas ilhas de Cabo Verde

Claudia Letícia Gonçalves Moraes*

Rayron Lennon Costa Sousa**

Introdução

Nos países africanos de língua portuguesa, componentes da CPLP (Comunidade dos países de Língua Portuguesa), é interessante observar o legado deixado pelo longo e violento processo colonizador, também pensando a língua como fator relevante na formação das culturas e identidades dos países constituintes dos PALOP¹. Nessa revisão histórica, o papel dos colonizadores tem destaque sobretudo no processo de submissão, exploração e expropriação cultural dos países africanos de língua portuguesa, considerando que aqueles claramente não só não se submetem às leis e regras dos países invadidos como também querem se impor através da força, seja ela força física ou aquela a que usualmente se refere nos dias atuais como *soft power*², o que leva a conflitos étnicos, religiosos, de posse da terra e acabam por submeter os que já se encontravam nesses territórios, seja pelos mecanismos modernos de opressão, entendendo-os como parte da Colonialidade do Poder, ou mais especificamente, pela superioridade financeira e bélica.

* Doutora em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília. Mestra em Cultura e Sociedade e Graduada em Letras - Licenciatura pela Universidade Federal do Maranhão. Professora Adjunta do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa. Líder do Grupo de Pesquisa Literatura, Alteridade e Decolonialidade (UFMA).

E-mail: claudiamoraes27@gmail.com

** Doutorando em Literatura pela UFPI (Bolsista FAPEMA). Mestre em Letras - Teoria literária pela UEMA. Graduado em Letras - Português e Espanhol (UNITINS). Professor do Curso Interdisciplinar em Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa da UFMA. Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Literatura, Alteridade e Decolonialidade - GPLADE/UFMA e do Grupo de Pesquisa em Literatura, Leitura e Ensino - LLER/UESPI.

E-mail: rayron.sousa@ufma.br

¹ Sigla para países africanos de língua oficial portuguesa.

² Joseph Nye, que criou os termos “Soft Power” e “Hard Power”. Antes de entendê-los, é necessário compreender o que significa “poder”. O chamado poder brando é definido por Nye como a habilidade de modelar os desejos do outro, ou seja, é gerar tamanha atração que o outro escolhe seguir seu exemplo. Logo, você estará exercendo uma influência indireta no outro, uma ação que precede o momento de tomada de decisão. Existem três grandes fontes de soft power: cultura, valores políticos e política externa.

Assim, este processo factualmente violento de invasão, submissão e dominação dos grupos nativos levou a um apagamento histórico de suas diversas culturas e da sua identidade, o que envolve também suas produções culturais em línguas nativas – neste caso o crioulo, que constitui, no universo africano de língua portuguesa, uma especificidade das experiências literárias em Guiné-Bissau e em Cabo Verde (CZOPEK, 2016). Este último país, foco de nossa análise, possui alguns escritores veteranos que já trabalham na perspectiva crioula há alguns anos, como Eugênio Tavares, Kaká Barbosa, Tomé Varela da Silva e Daniel Spínola, entre outros, numa trajetória de resgate das memórias de ancestralidade, de vivências anteriores à violência da colonização e sua espoliação material e simbólica.

O presente artigo pretende fazer uma breve análise do papel de outra figura importante das letras cabo-verdianas contemporânea: a poetisa Eneida Nelly e seu único livro de cinquenta poemas chamado *Sukutam* (*Escuta-me*, em língua crioula), onde a autora destaca sua poética de cunho sentimental e de compromisso social, relevando as adversidades sociais da ilha de Santiago. O discurso feminino da autora, focado nas suas vivências, traz temáticas inovadoras e amplia o olhar do leitor para a realidade cabo-verdiana poucas vezes visibilizada. *Sukutam*, obra lançada em 2011, foi publicada meses antes do suicídio da autora e traz como tema o tradicionalismo santiaguense a partir de uma resistência cultural em poética crioula, que enfatiza o uso da língua materna como oposição à língua portuguesa, ao mesmo tempo em que faz um resgate de memórias rurais santiaguenses e experiências de cunho individual e social.

Para essa análise serão utilizados autores como Moema Parente Augel (2007), Dora Pires (2009), Ricardo Riso (2013) e Simone Caputo Gomes (2008) a fim de compreender, num recorte que abrange três poemas da autora, sua admiração pelo revolucionário Amílcar Cabral, sua esperança em um futuro melhor, bem como a exaltação da feminilidade da mulher santiaguense, o que representa, de maneira simbólica, o que é a ilha de Santiago e a cidade de Tarrafal para a autora, enquanto espaços memorialísticos, conjugando cidade e ilha.

O processo de Independência de Cabo Verde e Guiné-Bissau e a importância da Língua Crioula Cabo-Verdiana

As bandeiras dos mais diversos países carregam uma simbologia bastante relevante tanto no imaginário do povo que representam quanto para outros povos, já que de certa forma dizem muito sobre a ideia de nação e os anseios de seu povo. No caso dos países africanos, e de modo especial do arquipélago de Cabo Verde, pode-se observar que sua bandeira é composta por várias estrelas que representam a esperança

em quase todos os povos e também a conquista de algo aparentemente inalcançável. Esse símbolo aparece na bandeira que uniria não só cabo-verdianos, mas também vários guineenses numa luta em comum: a independência da Guiné-Bissau e de Cabo Verde.

Os dois países, em seus processos de independência, passaram pela formação de um partido político que defendesse seus interesses: o PAIGCV – Partido Africano para a Independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde, cujo principal representante foi o líder Amílcar Cabral. Este nasceu na cidade de Bafatá, Guiné-Bissau, tendo sido brutalmente assassinado por alguns dos seus companheiros no dia 20 de janeiro de 1973, em Guiné – Conacri, apoiados pela PIDE – Polícia Internacional e de Defesa do Estado por sua atuação nos movimentos de libertação africanos, especialmente, em Cabo Verde e Guiné-Bissau. Cabral era filho de cabo-verdianos, sendo engenheiro agrônomo de formação e consagrando-se como a principal liderança do PAIGCV por questionar, sobretudo, a colonização portuguesa como fator de esvaziamento da cultura africana.

O engajamento de Amílcar Cabral demonstra o espírito de luta e as diferenças de tratamento para as duas colônias, que como os outros países africanos de língua portuguesa, se libertaram entre 1974-1975. Para além dessas duas, outros locais eram alvo do trabalho de libertação literária empreendido por Cabral e seu grupo: Angola, Moçambique e o outro arquipélago que compreende as ilhas de São Tomé e Príncipe. Geograficamente é importante situar Cabo Verde, que fica localizada a 500 km da costa do continente africano, uma localização cuja distância das vivências continentais lhe dá outras significações em vários aspectos, inclusive nos aspectos culturais. Nessa direção, o arquipélago é constituído pelo cruzamento de portugueses e africanos – considerando também o advento da escravidão que inicialmente povoou a ilha, originando uma população tipicamente crioula e uma criouldade acentuada nos aspectos mais culturais e antropológicos, paralelamente às acepções linguístico-literárias, cuja intensa troca cultural originou a língua crioula.

No processo de independência dos dois países [Cabo Verde e Guiné Bissau], datados entre 1974 e 1975, surgem estudos que irão desde desenhar o conceito de pós-colonialismo até desafiar esse próprio conceito. Moema Parente Augel, no primeiro capítulo de sua obra *O desafio dos escombros: Nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau* (2007, p. 40), tratando da fundação de uma literatura estritamente guineense, fala a respeito do que seria uma virada cultural para os guineenses de maneira específica e para os ex-colonizados africanos de maneira geral, enfatizando que essa mudança passaria por uma tomada de consciência da população:

[O] pertencimento [e a] compartilha da história comum, com seus mitos, crenças e tradições, ancorada no momento fundador da nacionalidade foi o libertar-se do jugo colonial [...] os escritores em seu papel de bardos, reflexos e porta-vozes de uma consciência e de uma identidade coletiva.

O nascimento da língua crioula cabo-verdiana se apresenta também como uma afirmação cultural que se distancia da metrópole. Sendo resultado da conjuntura do povoamento e colonização do arquipélago, ela é conhecida como importante elemento da noção de *caboverdianidade*, oferecendo elementos para a construção de uma identidade nacional. Para os cabo-verdianos a língua crioula não é apenas um meio de comunicação, mas também de afirmação identitária que faz com que sua população possa se sentir efetivamente como pertencentes ao país. “A língua caboverdiana é, deste modo, a nossa bandeira cultural e um dos elementos mais significativos do nosso cartão de identidade” (VEIGA, 2002, p. 7). Para Maria Nazareth Soares Fonseca, em obra denominada *Literaturas africanas de língua portuguesa* (2015, p. 36):

A escrita literária, considerada veículo para a concretização de identidades culturais híbridas, mescladas, imprime, na língua oficial de cada espaço, marcas e tons diferenciados. Essa estratégia é deliberadamente assumida por escritores e escritoras que decidem construir os seus textos, optando por uma dupla escrita, em crioulo e em português, ou misturando, intencionalmente, a língua oficial do seu país com as línguas “da terra”, ou mesmo decidindo publicar os textos somente na língua de uso, o crioulo.

O caso de Eneida Nelly se enquadra neste último exemplo, tendo a autora optado por escrever e publicar sua única obra em crioulo, o que se apresenta como uma forma de afirmação da cultura e da nacionalidade cabo-verdiana, a partir de uma analítica decolonial e de um lugar de fala próprio, reafirmando-se enquanto espaços de pertencimento. As escritas que brotam de Cabo Verde ainda carecem de maiores estudos, sobretudo aquelas que são constituídas pelo crioulo, em parte pelo fato de o arquipélago estar distanciado territorialmente do resto do continente.

Alguns aspectos culturais que podem ser relevados na ilha, que tem suas raízes fincadas no processo de mestiçagem, por exemplo, são o encontro das práticas africanas com a religião católica, que garantem sua manutenção principalmente pela ação feminina. É esta ação que merecerá destaque na poética de Nelly, colocando em primeira pessoa em grande parte de seus poemas, em uma dupla ação: destacando sua perspectiva de escrita feminina, inclusive na clara exaltação que faz da mulher de sua terra, e sobretudo dando voz à língua crioula enquanto materialização da identidade de

caboverdianos(as). Se a vida cotidiana decorre em crioulo, mas tendo como língua oficial o português, essa característica aparecerá na literatura e em todos os afazeres em Cabo Verde, e isso nos chama atenção no caso da poetisa aqui em análise.

Nessa direção, conforme a observação de Dora Pires:

O fenômeno do bilinguismo não afeta globalmente a sociedade caboverdiana; nem todos os caboverdianos falam o português, embora o português seja muito mais utilizado na camada culta e rudimentarmente falado nas camadas populares. Como o português nunca foi uma língua de domínio afetivo e global mas sim uma língua de domínio administrativo-político, a língua cabo verdiana continua sendo o instrumento de comunicação oral privilegiado (PIRES, 2009, p. 204).

Essa relação de afeto com o crioulo cabo-verdiano é um dos pontos que dão sustentação à poética de Eneida Nelly e seu esforço em construir uma obra totalmente dedicada à essa língua, mostrando a importância de seu posicionamento mediante as políticas linguísticas impostas pela antiga metrópole e dando destaque a uma possível virada cultural que tem como pedra de toque a valorização da língua materna enquanto forma mais utilizada de comunicação, aproximando a poética da autora da oralidade e das camadas mais populares.

SUKUTAM: as vivências representadas na escrita feminina

Eneida Nelly, jovem poetisa cabo-verdiana de fim trágico, nos apresenta um prisma interessante de produção literária, já que publicou somente um livro — *Sukutam* (ESCUTA-ME, 2011), obra toda escrita em língua crioula e que traz muito forte em si aspectos como a afetividade, tanto na forma (escrita em crioulo) quanto nos seus temas e conteúdos quando destaca a vida e a valorização da mulher camponesa, conforme veremos nos poemas a serem analisados. Esses elementos têm como pano de fundo, de forma interessantíssima, uma perspectiva de valorização da língua materna e das memórias de sua terra, constituídas de suas experiências na cidade de Tarrafal, ilha de Santiago. O componente trágico fica por conta do suicídio da autora, que o cometeu ainda muito jovem quando estava morando em Lisboa. Na perspectiva de Ricardo Riso:

Eneida Nelly desafia esse cânone e os seus pesquisadores quando lança o seu único e derradeiro livro de poesia, “Sukutam” (Escuta-me), em 2011. Primeiro pela escrita em língua materna cabo-verdiana, que já conta com uma vasta produção que é ignorada pelos especialistas da literatura de Cabo Verde – os brasileiros que o digam, restritos à produção em língua portuguesa. [...] O papel

pioneiro exercido por Eneida Nelly ao trazer o gênero, a raça e a autoria feminina em crioulo, demonstra a necessidade de reavaliação do cânone e da postura do pesquisador brasileiro de literatura cabo-verdiana, restrito à produção em língua portuguesa (RISO, 2013, p. 34).

Esta obra contém 50 poemas musicados por Princezito e trazem como mote a infância e vivências em sua terra natal. Assim, a sustentação da obra se apresenta justamente por estar fora dos padrões já conhecidos da literatura produzida em África. Na contramão de outros autores e seguindo a linha de Odete Semedo em Guiné-Bissau, por exemplo, Eneida Nelly entrega uma obra toda em crioulo cabo-verdiano, confrontando a língua de imposição colonial. Numa perspectiva que engloba os autores crioulofônos, podemos observar ainda mais claramente a importância de Eneida Nelly, já que ela é a primeira autora que aparece no sentido de inserir o gênero feminino na discussão, na concepção, na autoria e na própria possibilidade de publicação, abrangendo todas as etapas que compõem a circulação e a recepção de uma obra literária. Assim, o título da obra tem muito a nos dizer quando faz a exortação: escuta-me, pois a autora é uma mulher que precisa ser ouvida ao mesmo tempo que precisa expressar sua terra, cuja afetividade é marcada em sua poética.

A origem da autora reflete também em sua poesia: trata-se de uma mulher negra, pobre e da zona rural da ilha de Santiago. Nesse contexto, os poemas retratam a vivência difícil para uma mulher nessas condições, revelando sua perspectiva de engajamento na escrita, bem como o resgate das tradições orais femininas, o que talvez seja o ponto mais interessante para análise: vivências familiares (a avó da autora é personagem importante nesse ínterim) são tão importantes que o livro contou também com a gravação de um CD com o áudio dos poemas a fim de que pudesse alcançar um público que não tivesse domínio da leitura, principalmente a avó da autora. Considerando essa assertiva, segundo Simone Caputo Gomes (2012, p. 6):

A língua nacional, o crioulo, bem como as práticas e comportamentos são transmitidos pelas mães às crianças. Por via feminina são preservados o artesanato (rendas, bordados, cestos, artefactos de barro), a medicina tradicional (curandeirismo, parteiras, com seu cachimbo, remédios caseiros, rezas e estórias), o fabrico do sabão de purgueira, a culinária com função identitária (confeção dos pratos tradicionais, cachupa, pirão, xerém), e ainda o pilão e a tabanca.

Essas experiências de cunho ancestral, transmitidas de forma artesanal de geração para geração de mulheres e que passa ao largo de eventos como modernidade e

globalização, são importantes também para entender a constituição da literatura de Eneida Nelly enquanto forma de resistência literária por duas vias distintas mas interligadas: a já comentada escrita em crioulo e a ideia original de musicar seu livro de poemas, dando ênfase à questão da oralidade que é também ponto fulcral na constituição das literaturas africanas de um modo geral. Ainda elocubrando sobre as escolhas linguísticas que compõem o fazer literário da autora temos a seguinte afirmação de Moraes e Sousa (2018, p. 93):

Por tratar-se da língua de comunicação entre os diversos grupos populacionais ao longo do processo independentista, o *kriol* teve papel de elemento de congregação num contexto de variada diversidade étnica. A utilização de uma língua comum, diferente da língua oficial imposta pelo colonizador, apresentou-se como um símbolo de resistência cultural contra o jugo português e contribuiu para a criação de uma unidade nacional.

Por fim, nota-se que o empreendimento da autora em escrever na sua língua materna revela um questionamento sobre a ordem e as imposições do fazer literário, demonstrando independência linguístico-cultural em relação à antiga metrópole, ensejando novos olhares para uma literatura que pode ser produzida sem ser tributária do cânone literário ou de uma das ditas “língua de prestígio”. Esse posicionamento revela um movimento de liberdade no sentido de não precisar da legitimação da antiga metrópole para se colocar, ao mesmo tempo em que exalta o uso da língua crioula como forma mais apropriada de narrar as experiências essencialmente africanas.

Análise de três poemas de Eneida Nelly

No recorte feito para o presente trabalho foram selecionados três poemas da obra *Sukutam* (2011), que representam um pequeno aporte das questões levantadas pela autora, quais sejam: uma homenagem ao revolucionário Amílcar Cabral, um poema que traz à tona a vivência pobre e campesina no contexto da ilha de Santiago e um terceiro que exalta o valor das mulheres de sua terra. Nesses três poemas serão relevadas questões inerentes à denúncia social e à sensibilidade feminina, retratando o cotidiano de dificuldades e de resistência, marcando uma posição de expressão da cultura negra das camadas marginalizadas mas sempre no intuito de uma exaltação, seja da mulher, da terra ou do herói nacional. Segue o primeiro poema:

Cabral

Cabral, referencia di nha terra
Cabral, referência da minha terra
Ki nha Dona desde mininu ta contaba
Que a minha avó desde criança contava
Ma ele bai Guiné, mel bai luta pa se sangui
Mas ele foi à Guiné, foi lutar para o seu sangue
Ma na fim, bandera mon es tral se bida
Mas no final, com a bandeira na mão tiraram-lhe a sua vida
Vovó ta flaba, ma Cabral bai na mon di tuga
Avó falava que Cabral se foi nas mãos dos portugueses
Ma se vivencia, sta na fundo bida di caboverdiano...
Mas a sua vivência está no fundo da vida dos caboverdianos...

A imagem de Amílcar Cabral como um herói libertário aparece na poesia da autora, que traz à tona seu papel como artífice da independência de Cabo Verde e Guiné Bissau. Nesse bojo, ele é tratado como uma referência que lutou pelo seu sangue, pelo sangue de seu povo. Ademais, outro ponto que se observa é como essa figura emerge: através da memória da avó que contava as histórias de Cabral desde a infância da autora. Essa imagem se engendra a partir de uma memória do trauma: Cabral é lembrado como herói por ter morrido nas mãos de seus próprios colegas de partido, por ter perdido a vida defendendo seus ideais (a imagem da bandeira na mão é bastante evocativa desta resistência e de todo o contexto político que envolve a morte de Cabral).

Revelam-se na figura descrita por Nelly o engajamento social com as questões relativas à libertação de Cabo Verde e Guiné Bissau e, sobretudo, a importância de Amílcar Cabral na libertação desses países do jugo colonial, além de uma análise crítica subentendida dos usos políticos da sua memória. Segundo Catarina Laranjeiro (2014, p. 12):

Tomar a Luta de Libertação como um ato de cultura é, entre todos os pensamentos de Cabral, aquele que maior impacto teve. Cabral construiu um argumento forte de que a libertação nacional era simultaneamente um facto de cultura e um factor cultural, uma vez que acreditava que a resistência cultural era a mais efetiva forma de resistência [...] A cultura, é assim, um elemento essencial da História de um povo, sendo o fundamento da libertação nacional o direito que qualquer povo tem de ter a sua própria História.

Esse direito à própria história dialoga bem com o poema de Eneida Nelly, que evoca a imagem de um herói que transcende a própria ideia de nação, unindo os processos de libertação de Guiné-Bissau e Cabo Verde. Nesse bojo, é por meio de seu

poema, fruto do processo memorialístico de um grande líder, que a poetisa também consegue, de certa forma, narrar a história própria do povo cabo verdiano, sem qualquer mediação da antiga metrópole e auxiliando na constituição de uma história contada pelos efetivos representantes do país e ainda por cima, fato este bastante relevante, em língua crioula.

Outro ponto que podemos destacar é o engajamento da autora na valorização da memória coletiva aliada à representação de uma imagem realista da mulher rural santiaguense, conforme é colocado no excerto do poema “Nkre...” [Quero]:

Argui anti-l maxi pa ba luguel trabadja azagua
levanto-me de madrugada para ir ao campo
Mininu na kosta dixi rubera ba kudi pontu!
Com a criança atada às costas, desço até à ribeira para picar o ponto
Ku nha zingui ta ba fonti buska agu-l bebi
caminho até à fonte para buscar a água
Sulada na koxa lata na kabê batuku na boka
perto as *ancas*, com a lata na cabeça, ao som do *batuku*

O poema acima reconstrói uma bela imagem da mulher que trabalha no campo: sua realidade é conformada a partir de uma série de elementos que emolduram a vida campesina. O poema começa, portanto, com a imagem da mulher que levanta desde a madrugada para trabalhar no campo, levando atada às costas a criança pequena. Seguem-se a pica do ponto, a busca da água, elementos da vivência cotidiana da mulher que habita o campo, que trabalha e abastece sua casa, que cria seus filhos e que, além disso, ouve o som do *batuku*. Para Maria Nazareth Soares Fonseca (*op. cit.* p. 32-33):

Os poemas de autoria feminina registram o fato de a memória, um fenômeno construído social e individualmente, permitir uma ligação fenomenológica muito estreita com o sentimento de identidade. Marcam-se pela intenção de celebrar as belezas do país, sem deixar de aludir a questões concretas da realidade social e às tradições que a memória coletiva e a individual continuam a venerar.

A realidade social da mulher campesina é justamente o que Nelly traz em seu poema, exaltando em crioulo a vida desta mulher que vive do campo, de criar suas crianças, de buscar água na fonte. Essa imagem parte de um constructo de memória que, conforme bem coloca Maria Nazareth Fonseca, é tanto individual quanto coletiva. No poema a seguir também fica clara a construção dessa imagem de mulher que pode

ser cabo verdiana, santiaguense ou tarrafalense, exaltando uma valoração de suas qualidades. Segue o poema “*Mudjer di nha tera*”:

*Panu maradu, grasa na rosto
Pé finkadu ta ora propostu
É mudjer di nha tera!*

*K sabi bafa dor
sabe esconder sua dor
K konxi stória, k tem kusa-l fla...
conhece a história e tem muito que contar
É mudjer di nha tera!
é a mulher da minha terra*

*Matakam di ser k k ata tadjadu,
ser de grandeza indomável
Karamba si dja tem mudjer fadjadu
pois, se existe mulher generosa
É mudjer di nha tera!
é a mulher da minha terra
(NELLY, 2011, p. 104-105).*

Numa poética de compromisso social e de tipo sentimental, Eneida Nelly ressaltou várias adversidades sociais e emocionais, a partir de um olhar feminino e do tradicionalismo santiaguense. Percebe-se, nas duas últimas poesias analisadas, como a autora põe em ação um imaginário fortemente ligado à terra e aos atributos femininos como tessitura dos contornos de uma comunidade imaginada (ANDERSON, 2008). Essa imagem da mulher-terra nos remete às noções de maternidade, de cuidado, de campesinato e de valoração de uma mulher intimamente ligada à sua terra (FONSECA, 2015, *op. cit.*). Na perspectiva da poetisa, acentuadamente feminina, evidencia-se um modo de resistência cultural que, no entanto, ainda hoje constrange a efetiva libertação feminina das estruturas patriarcais e da opressão cultural. Esse intenso engajamento da autora na valorização da memória coletiva e seu intenso empenho em moldar uma imagem realista da mulher rural santiaguense é válida na medida em que aponta para uma construção literária que por meio da poesia propõe uma nova forma de dar a conhecer o contexto da literatura produzida em um dos países de menor visibilidade do grupo dos PALOP, donde reside a importância da poesia de Eneida Nelly no contexto das produções dos países africanos.

Considerações Finais

Procuramos com a temática aqui exposta oferecer uma breve amostragem da poesia cabo-verdiana contemporânea por meio da figura simbólica de Eneida Nelly: autora artífice de uma linguagem que revela em sua poesia temas caros à vivência feminina na ilha de Tarrafal, da qual a poetisa é filha, além de enfatizar, como forma de afirmação cultural, o uso da língua crioula como veículo para sua produção poética. Assim, ela se preocupa em apresentar um olhar mais atento e plural ao público para a recente produção poética cabo-verdiana, a fim de evidenciar em que solo sociocultural a inspiração da autora se funda.

As observações do presente estudo confluíram para algumas considerações em torno de Eneida Nelly, voz crioula feminina precocemente desaparecida após publicar seu primeiro livro de poemas. Este último, foco mais específico de nossa análise, leva o título de *Sukutam*: uma exortação à escuta de sua voz de mulher tarrafalense e de suas experiências, todas escritas e musicadas em crioulo cabo verdiano. Nosso objetivo com esta análise foi de ampliar e dar continuidade ao debate sobre temas sensíveis ao mundo africano de língua portuguesa, como a questão do bilinguismo, a literatura produzida no contexto pós-colonial e a compreensão de temas relacionados à trajetória feminina, sua estética e sua recepção. Tratam-se todos de temas que ainda precisam de maior aprofundamento em seus estudos, considerando que esta pesquisa se converte numa oportunidade de reflexão acerca da produção poética de um dos países menos visibilizados da CPLP.

Existindo e se modificando ao longo do tempo lado a lado com a língua portuguesa, a língua crioula cabo-verdiana é formada por um universo complexo, que ajuda na construção do imaginário da nação e na ideia de nacionalidade. Eneida Nelly, embora tendo partido muito jovem, deixou seu legado com a obra *Sukutam*, que se propõe o desafio de uma escrita feita totalmente em crioulo, revelando suas vivências e exaltando sua terra natal num exercício poético-linguístico que também desafia e convida seu leitor a compartilhar com a poetisa suas experiências.

Referências

ANDERSON, B. R. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AUGEL, M. P. **O desafio do escombro**: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura de Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

CZOPEK, N. De uma língua oral sem escrita à escrita de uma língua oral: o caso do crioulo cabo-verdiano das ilhas do Barlavento e Sotavento. **Études romanes de Brno**, v. 37, p. 11-26, 2016.

FONSECA, M. N. S. **Literaturas africanas de Língua Portuguesa**: mobilidades e trânsitos diaspóricos. Belo Horizonte: Nandyala, 2015.

GOMES, S. C. **Atas do Colóquio Internacional Cabo Verde e Guiné-Bissau**: Percursos do saber e da ciência Lisboa, 21-23 de Junho de 2012. (versão eletrônica acessada em 19 de fev. 2019: <https://coloiocvgb.files.wordpress.com/2013/06/p04c03-simone-caputo-gomes.pdf>)

LARANJEIRO, C. **Amílcar Cabral**: o que foi e o que dele faremos. Trabalho final do Seminário Conhecimentos, Sustentabilidade e Justiça Cognitiva, 2014. (versão eletrônica acessada em 25 de março de 2019. Disponível em: http://alice.ces.uc.pt/en/wpcontent/uploads/2014/03/Mestres_do_Mundo_Amilcar_Cabral2.pdf).

MORAES, C. L. G.; SOUSA, R. L. C. O levante da voz feminina às margens do cânone: nacionalismo, identidade e resistência na poética guineense de Odete Semedo. **Revista Crioula**, n. 21, 2018.

NELLY, E. **Sukutam**. Praia: Edição da autora, 2011.

PIRES, D. O. G. **Ensino da língua cabo-verdiana no ensino básico, 3ª fase (5º e 6º classe): Proposta de um fragmento de Manual de Ensino da língua cabo-verdiana**. Tese (Mestrado) – CEA, FLUP, 2008. Disponível em: https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=493849. Acesso em: 22 mar. 2019.

RISO, R. “Eneida Nelly e o cânone”. In: **A Nação n. 308**. Praia: 25 de julho de 2013. p. A34.

VEIGA, M. **O Caboverdiano em 45 Lições**. Praia: INIC, 2002.